



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

A PRÁTICA DO KARATÊ-DO TRADICIONAL E O COMPORTAMENTO VIOLENTO

Por

Douglas de Araújo Ramos Braga

Monografia de conclusão do Curso Técnico de Nível Médio

Turma 2005

Rio de Janeiro 2007



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

A PRÁTICA DO KARATÊ-DO TRADICIONAL E O COMPORTAMENTO VIOLENTO

Monografia elaborada pelo aluno
Douglas de Araújo Ramos Braga
como exigência do Curso Técnico
de Nível Médio na Escola
Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio, sob orientação do
professor Augusto César Rosito
Ferreira

Rio de Janeiro 2007

Agradecimentos

Agradeço a minha família, por ter sempre me apoiado nos estudos e em tudo que necessitei durante a vida.

Agradeço ao meu orientador, prof. Augusto César Rosito Ferreira, pelos conselhos e pela paciência.

Agradeço, sobretudo, aos meus colegas da turma 2005, que me acompanharam ao longo desses três inesquecíveis anos na EPSJV.

“ Não devemos brigar por um motivo insignificante, mas sim lutar pela justiça; e é para essa luta que o homem precisa de forças.”

Masutatsu Oyama – Mestre de karatê

“ A vaidade ou a preguiça são como amarras que impedem o nosso progresso. Os praticantes de karatê precisam testar-se e questionar-se constantemente, nunca deixando de ser atentos e diligentes, até serem capazes de penetrar os níveis mais profundos do karatê-do. Essa deve ser a atitude de todos que aspiram ao Caminho.”

Gichin Funakoshi – Mestre de karatê

Resumo

Este trabalho procurou analisar, a partir de pesquisas já realizadas sobre o assunto, se os praticantes realmente compreendem e “absorvem” os principais preceitos do karatê durante as aulas e se os aplicam no seu dia-a-dia. Há divergências entre os autores, mas a maioria chegou à conclusão de que, quando os princípios do karatê são ensinados, a prática desta arte marcial pode contribuir para a redução do comportamento violento. Para a fundamentação da pesquisa, foi utilizada pesquisa bibliográfica sobre os aspectos históricos e filosóficos do karatê e a temática da violência.

Sumário

Introdução.....	07
Capítulo 1 – O que é arte marcial?.....	10
Capítulo 2 – Tradições marciais no oriente	15
Capítulo 3 - A arte marcial karatê-do.....	20
3.1 - A guerra no Japão.....	20
3.2 - História do karatê.....	25
3.3 - Filosofia do karatê.....	31
3.4 - Karatê tradicional x Karatê esportivo.....	35
Capítulo 4 - Violência e comportamento violento.....	40
Capítulo 5 – Análise das pesquisas.....	44
Conclusão.....	49
Referências Bibliográficas.....	51
Anexos.....	53

Introdução

Atualmente, o Karatê-do (o “Caminho das Mãos Vazias”) é visto pela maior parte do senso comum como um mero tipo de luta que ensina a seus praticantes a aprenderem a “bater” e “apanhar” através de diversas séries de ataques e defesas. Um observador leigo (que já vive sob constante medo da violência que impera em nossa sociedade), ao assistir à uma aula pode achar aquelas séries de golpes extremamente violentas e perigosas, sendo que os próprios alunos podem se machucar seriamente.

Entretanto, as pessoas não possuem a visão de que os ensinamentos do Karatê vão além de posturas e técnicas de socos ,chutes, projeções e outras mais. Ele é uma filosofia de vida, que prega o respeito ao próximo, a cortesia, a humildade, a disciplina (valores que estão faltando à nossa sociedade atual) e, acima de tudo, a paz. O objetivo de seus golpes é o fim da violência, e não o início desta. Em geral esses golpes podem ser mortais dependendo da força e precisão com que são utilizados, e portanto só devem ser aplicados em último caso (o Karatê ensina que um só golpe aplicado com a devida força, velocidade e precisão é capaz de derrotar um “inimigo”). Você sempre deve procurar derrotar seus oponentes fazendo-os perceber a estupidez dos seus atos, já que o verdadeiro caminho do guerreiro é conter o problema antes que ele comece. (TORRES, 2006).

O propósito de um praticante desta arte deve ser derrotar as suas próprias fraquezas e atingir a auto-iluminação e o auto-conhecimento, em uma clara evidência da influência da filosofia budista no Karatê. O cultivo dos aspectos espirituais do “Caminho” é necessário, uma vez que o verdadeiro karatê-do instrui tanto a mente quanto o corpo. Como afirma o mestre Gichin Funakoshi (2000):

“O cultivo da atitude mental e espiritual iniciada durante a prática no dojo (o “salão de treinamento”) não deve cessar depois que os exercícios físicos e mentais terminarem naquele dia. Ao contrário, deve continuar ao longo

da rotina diária. Dentro e fora do dojo, os praticantes do karatê devem sempre visar desenvolver tanto a mente quanto o corpo”.

Além do mais, quem pratica Karatê não deve pensar em vencer, e sim em não perder. O praticante que só pensa em vencer ou ganhar vantagem sobre alguém perde o senso de humildade. Começa a ignorar ou a desconsiderar os outros, uma atitude que pode criar muitos inimigos. A pessoa verdadeiramente corajosa é “suave por fora e dura por dentro”, estando sempre alerta e preparado para qualquer adversidade. Esta é uma advertência que pode ser amplamente aplicada em muitas facetas da nossa vida diária. (FUNAKOSHI, 2000).

Todos possuem um espírito que pode ser aprimorado, um corpo que pode ser de alguma forma treinado e um determinado caminho a ser seguido. Pela filosofia oriental, quem treina alguma arte marcial (não só o karatê, mas também o judô, o aikidô, ou qualquer outra) com afinco, torna-se capaz de conhecer sua divindade interior e manifestar sua iluminação inata. Aqui, considera-se “arte marcial” como um conjunto de técnicas físicas e mentais que visam o desenvolvimento interior do praticante. (STEVENS, 2001).

As artes marciais orientais são cercadas de tradições completamente diferentes daquelas que os cidadãos ocidentais estão acostumados. Há, por exemplo, a tradição de que os mestres sejam médicos. A pessoa que pratica técnicas de luta por muito tempo vai adquirindo um conhecimento cada vez maior de medicina, uma vez que é comum algum aluno se machucar durante a prática. Talvez o país em que essa tradição esteja mais profundamente enraizada seja a Índia. (REID; CROUCHER, 1983).

Além das tradições, vale também ressaltar também o fato de que existem pessoas que inventam novos estilos de Karatê (mesclam técnicas desta arte marcial com técnicas de outras artes) e/ou “privilegiam a pancadaria”, incentivando os alunos a adotarem um

comportamento violento em sua vida cotidiana. Entretanto, elas constituem uma minoria irrelevante que não compreende a verdadeira essência do Karatê-do.

Contudo, é muito divulgado na mídia que a prática do karatê e de outras artes marciais acarreta um aumento do sentimento de agressividade e, conseqüentemente, do comportamento violento. Mas poucas pesquisas foram feitas nesse sentido. (TORRES, 2006).

O presente trabalho inicia apresentando o que é considerado pelos estudiosos como “arte marcial” e as principais tradições marciais no Oriente; posteriormente, apresenta um breve histórico dessa arte marcial, seus principais ensinamentos e alguns conceitos necessários para a fundamentação da prática do Karatê-do tradicional como um caminho para a paz, e não para a violência. Após essa apresentação, é discutida a questão da violência e do comportamento violento. Por fim, há uma análise de pesquisas já realizadas sobre o assunto, que buscaram verificar qual a relação entre o ensino desta arte marcial e a adoção de um comportamento violento por parte dos praticantes, e se a sua filosofia influencia na agressividade.

Capítulo 1 O que é arte marcial?

Antes de iniciar o estudo sobre o karatê, é importante definir o que é uma arte marcial.

No Ocidente, o termo “marcial” remete ao nome do deus romano da guerra, Marte. Foi utilizado pela primeira vez em 1357, na Inglaterra, em referência ao “tourney martial” da Idade Média. No Japão, o termo equivalente à “arte marcial” era o *bujutsu*, ou “sistema de combate com armas”. Com o passar do tempo, o *bujutsu* se transformou em *budô*, ou “caminho marcial”, em decorrência da crescente influência das correntes filosóficas nas artes de combate. A tradução literal do termo *budô* é “parar duas lanças”, mas muitos artistas marciais consideram que ele significa “caminho marcial para paz”. (REID; CROUCHER, 1983).

Segundo Iedwab (2001), já houve quem sugerisse o uso do termo “artes do budô” no lugar de “artes marciais”. *Budô* pode ser traduzido como o “caminho de cessação dos conflitos e guerras”, “caminho para ações de coragem e iluminação”, entre outras diversas traduções. No *budô*, as artes marciais e a espiritualidade se fundem no mais alto nível de conhecimento (STEVENS, 2001). É um caminho pelo qual se podem encerrar os conflitos e aprender a não lutar. Segundo um ditado da Escola de Shinto¹ Kajima:

“Todas as coisas possuem uma essência divina interior e uma maravilhosa função exterior. A essência de uma árvore manifesta-se em suas flores maravilhosas e na sua folhagem abundante. A essência da árvore não poderia ser percebida se não houvesse flores e folhas. Os seres humanos possuem uma essência divina interior que não pode ser vista, mas que se manifesta como as maravilhosas técnicas do budô.” (STEVENS, 2001).

Atualmente, diversas artes de combate têm dado ênfase à prática esportiva de competições. Portanto, desde já é necessário estabelecer as diferenças entre ambos. Uma

¹ *Shinto* ou *Xintoísmo* é uma religião tradicional do Japão que foi, por muitos séculos, religião oficial deste país. É politeísta, voltada para o culto aos ancestrais e o respeito aos mais velhos.

arte marcial é também um esporte, mas não somente. Sempre baseado em conhecimentos científicos, o esporte procura desenvolver ao máximo as capacidades do corpo do praticante, aliadas a um equilíbrio psicológico igualmente importante. Tem como objetivos obter força, velocidade, resistência e outras qualidades inseparáveis, como coordenação, tática e estratégia. Está sujeito a regras determinadas e tem seu ponto alto nos eventos esportivos em geral e nas Olimpíadas em particular. Para participar dessas competições, o praticante do esporte deve atingir um alto rendimento. Isso só se consegue com algumas mudanças físicas e psicológicas. (GOULART, 2006).

Algumas artes marciais, como o judô, são consideradas oficialmente como esporte, pois são olímpicas ou profissionais. Entretanto, essas artes englobam uma série de princípios e conceitos diretamente relacionados à busca de um mundo mais harmonioso. Constituem um estilo de vida, com uma filosofia que ajuda na descoberta de valores mais profundos, com vistas ao desenvolvimento moral do ser humano.

Assim como o treinador, o mestre treina os aspectos físicos e técnicos de seus alunos, mas vai além. Ensina uma filosofia que possibilita ao aluno viver melhor, porque o coloca em contato com o verdadeiro mestre: o “Eu Interior”. (Ibid.).

Se no esporte há concorrentes e adversários externos, na arte marcial nossos maiores adversários habitam em nosso íntimo. A verdadeira luta se dá consigo mesmo. O artista marcial deve buscar o seu crescimento pessoal, adotando valores mais nobres. Essas artes ensinam o respeito pelos outros, o respeito por si mesmo, humildade, sinceridade, disposição, dedicação, esforço em aprender, compreensão e integridade. Tanto o samurai guerreiro, ou *bushi*, quanto o pacífico mestre Zen apresentam essas qualidades. (IEDWAB, 2001).

Portanto, a principal diferença entre as artes marciais e os esportes é o conteúdo moral. A prática esportiva pode ser de extremo valor para o desenvolvimento das valências físicas e psicológicas dos indivíduos, mas não possuem uma filosofia. (GOULART, 2006).

A questão do respeito e da obediência aos pais, irmãos mais velhos, mestre e alunos mais antigos é fundamental para o artista marcial. Segundo Funakoshi (1988): “(...) você deve ser sempre profundamente solícito com a cortesia, sendo sempre respeitoso e obedecendo sempre aos mais velhos. Não existe arte marcial que não ressalte a importância da cortesia e das boas maneiras”.

Entretanto, não é necessário a um artista marcial do mundo atual seguir “à risca” o modo de vida dos artistas marciais de antigamente. No Japão medieval, estes deveriam manter-se afastados das mulheres (porém vale ressaltar que existiram mulheres guerreiras), dormir no pátio de treinamento, usar um roupão leve durante o ano todo e levantar-se de madrugada para treinar. (STEVENS, 2001). Era um modo de vida muito rígido, voltado exclusivamente para a prática das artes marciais, sendo crucial para o homem daquela época praticar os seus recursos até o limite extremo da sua capacidade antes de colocá-los em prática.

Grandes mestres da Época Moderna também seguiam rígidos modos de vida. Mestre Gichin Funakoshi, por exemplo, “pai do karatê moderno”, seguia o modo de vida samurai. (FUNAKOSHI, 2000). Eram também grandes estudiosos e pensadores, e sempre estimularam o estudo a seus discípulos. O filósofo e fundador do Aikidô, Morihei Ueshiba, afirmava que “toda a sabedoria do universo está contida nos livros”. (STEVENS, 2001). Atualmente, professores de artes marciais também valorizam o estudo acima de qualquer outro aspecto da vida cotidiana.

A filosofia destas artes também ensina que as técnicas aprendidas em aula só devem ser utilizadas em último caso. Ou seja, quando não foi possível resolver determinada querela por meios “diplomáticos”. Entretanto, “(...) quando circunstâncias além do controle obrigam um praticante a recorrer à ação, ele deve reagir sem restrições com a vida ou com um membro”.(FUNAKOSHI, 2003). Esse é o verdadeiro espírito do budô.

Alguns estudiosos consideram que a definição de “arte marcial” não se limita a artes como o Karatê, o judô e o kungfu. Até mesmo o ato sexual poderia ser considerado uma dessas artes, pois “(...) envolve respeito mútuo, serenidade de coração, técnica sutil mas vigorosa, e ligação contínua de corpo e espírito”. (STEVENS, 2001). Entretanto, na opinião do autor da presente pesquisa, esse ponto de vista segundo quase tudo poderia ser encarado como “arte marcial” descaracteriza o sentido original do termo: “arte da guerra”.

A origem de várias artes marciais ainda é um mistério. No caso do kungfu, por exemplo, não se sabe ao certo se um monge budista indiano de nome Bodhidharma (ou Dharuma, para os japoneses) esteve presente ou não no Templo Shaolin por volta do século VI, pois não há documentos históricos que comprovem esse fato, somente a tradição oral. (REID; CROUCHER, 1983). Esse mistério se deve a diversos fatos, variando para cada arte. No kungfu, a prática era realizada nos templos, e a população em geral não sabia ao certo como era a vida dentro desses locais.

Alguns estudiosos afirmam que é provável que a origem das artes marciais tenha se dado na região do Crescente Fértil, aproximadamente 3000 anos antes de Cristo. Isto se dá porque foram achadas duas pequenas peças babilônicas datadas desse período em que dois homens são representados lutando algo semelhante ao sumô japonês. Supõe-se que, posteriormente, o desenvolvimento dessas artes tenha se dado na Índia e na China, que mantinham trocas comerciais com a região da Baixa Mesopotâmia. (Ibid.).

Contribui também para essa incerteza quanto à origem e à história das artes marciais a tradição do segredo que os antigos mestres mantinham. Estes não revelavam seus conhecimentos com facilidade. Em muitas escolas, a prática era secreta e as tradições não eram registradas por escrito, mas transmitidas oralmente. Esses fatos fazem com que o estudo da história dessas artes seja “um conjunto de especulações baseadas num pequeno número de fatos conhecidos”. (Ibid.).

No Ocidente, o conhecimento das artes marciais asiáticas praticamente não existia antes do século XX. Com a invasão japonesa pelos Estados Unidos em 1945, os militares norte-americanos ficaram entusiasmados com os sistemas de luta que encontraram. Desde então, os sistemas de artes marciais estão sendo exportados no “atacado” para o Ocidente. (Ibid.). Entretanto, muitos observam com receio essa “exportação”.

“A pessoa que toma contato pela primeira vez com as artes marciais tem dificuldade de crer que elas sejam pacíficas tanto na intenção quanto de fato, tal é a atmosfera de violência e mistério que paira sobre esse assunto. Em todos os livros, filmes e propagandas de televisão, a mensagem transmitida é a mesma: a violência.” (REID; CROUCHER, 1983).

Entretanto, como já foi comentado nesse trabalho, a filosofia dessas artes ensina exatamente a não-violência. (STEVENS, 2001).

Muito se fala que os mestres chineses e japoneses, ou de qualquer outra nacionalidade do Oriente, desconheciam ou conheciam muito pouco os ensinamentos filosóficos e científicos do Ocidente. Realmente, isto se dava antes do século XX. Já na metade do século XIX, com o aumento do contato entre as nações ocidentais e orientais, os mestres de artes marciais se debruçaram sobre obras de autores do Ocidente e encontraram alguns paralelos. Um exemplo foi o mestre Morihei Ueshiba que, ao analisar a obra do matemático Pitágoras, encontrou diversas semelhanças entre os movimentos do Aikidô e as figuras

geométricas do estudioso grego. (STEVENS, 2001). Há semelhanças também entre a doutrina de alguns mestres e o mecanicismo europeu.

“ (...) um mestre de kung-fu de Hong Kong, Mestre Chan, nos disse que as artes marciais fazem uso da matemática do corpo humano. Queria ele dizer que o corpo pode ser concebido como uma máquina complexa, dotada dos seus rolamentos, tirantes, cordas e polias; e, à semelhança de qualquer máquina, ele pode quebrar se for forçado a trabalhar contra a sua natureza.” (REID; CROUCHER, 1983).

É muito provável que no início não houvesse uma “grande filosofia” embasando as artes marciais. Ou seja, elas eram constituídas basicamente por técnicas de combate, visando à auto-defesa. No caso de Okinawa (onde surgiu o karatê), particularmente, a ilha era constantemente invadida por outras nações, e o uso de técnicas de combate se fazia necessário. Porém, com o passar dos anos, estudiosos passaram a se dedicar à filosofia dessas artes. (IEDWAB, 2001). As doutrinas do Budismo, do Confucionismo e do Taoísmo (que serão comentadas em outro momento neste trabalho) foram “adotadas” como as principais bases filosóficas² das tradições marciais da Ásia. (REID; CROUCHER, 1983).

Antes de encerrar este capítulo, vale ressaltar o fato de que o senso comum costuma perguntar “Qual é a melhor arte marcial?”. Porém, essa é uma questão para qual não há resposta. Pouco importa qual é o estilo estudado, desde que o praticante tenha um bom mestre e se esforce para descobrir o *do* (“Caminho”) em sua arte. Esta está no esforço, na sinceridade e nos conhecimentos que se armazenaram no fundo do coração do praticante. (IEDWAB, 2001). Entretanto, é muito comum ouvir um praticante de determinada arte fazendo comentários do tipo “a minha arte marcial é a melhor e mais completa”.

² Alguns autores discordam quanto a considerar estas doutrinas como “filosofias”. Para Marilena Chauí, por exemplo, “filosofia” diz respeito ao modo de pensamento desenvolvido na Grécia Antiga. O budismo, o Taoísmo, e o Confucionismo constituiriam “modos de vida” e não “filosofias”. Já Heródoto Barbeiro considera o Budismo uma “prática”. Porém, neste trabalho estes pontos de vista não serão levados em conta, e as doutrinas citadas acima serão consideradas sistemas filosóficos.

Geralmente, os autores desses comentários são iniciantes ou não treinaram como deveriam (privilegiaram os aspectos técnicos, e se esqueceram dos aspectos intelectuais).

Portanto, apesar das artes marciais terem seu aspecto técnico em geral, este representa apenas uma parcela da aprendizagem. (STEVENS, 2001). O tema central dessas artes não é a luta, mas a resolução dos conflitos que fazem parte da nossa vida. Mediante o cultivo de uma atitude positiva de humildade, sinceridade, consciência e disciplina, os praticantes adquirem grande capacidade de concentração mental e física, e aprendem a mais importante de todas as lições: o respeito pelos mestres, por si mesmos e por todas as pessoas. (IEDWAB. 2001). O Karatê é uma arte marcial cuja filosofia contém todos esses ensinamentos e muitos outros, como o presente trabalho se propõe a mostrar.

Capítulo 2- Tradições marciais no oriente

Neste capítulo, será abordada a questão do esoterismo e das principais tradições que permeiam a prática de artes marciais no Oriente.

De acordo com Aurélio Buarque de Holanda (2003), este termo pode ser definido como: “Doutrina ou atitude de espírito que preconiza que o ensinamento da verdade (científica, filosófica ou religiosa) deve reservar-se a um número restrito de iniciados, escolhidos por sua inteligência ou valor moral”. Este esoterismo está presente em muitas tradições marciais do oriente.

O termo “esoterismo” deriva do grego *esôterikos*, cuja preposição *eisô* significa “dentro de”. Desta preposição, deriva-se o comparativo *esôteros*, que significa “mais interior”. (paginasesotericas.tripod.com/esoterismo.htm)

Portanto, o esoterismo não é exclusivo nem do Oriente nem do Ocidente; está presente em ambos desde a pré-história até os dias atuais. No Ocidente, Aristóteles utiliza o adjetivo *eksotêricos* (o oposto de *esôterikos*) pela primeira vez em sua obra “Ética a Nicómaco”, para qualificar o que ele chama de discursos exotéricos, de fácil acesso a um público mais geral. O primeiro registro do termo *esôterikos* se deu na obra “O Leilão das Vidas”, de Luciano de Samosata. (aprox. 120-189 d.C.) (Ibid.)

A principal diferença entre o esoterismo no Ocidente e no Oriente é que, neste, a teologia contém os temas esotéricos e, por conseguinte, o esoterismo não precisa se constituir como uma disciplina aparte. Já no Ocidente, a partir de finais da Idade Média, a teologia e a ciência absorveram certos temas que o integravam, eliminando outros que consideravam mais inquietantes ou perturbadores, e que acabaram por integrar as correntes esotéricas ocidentais, sobretudo a partir do Renascimento. (Ibid.)

Até aproximadamente o século XV, quando as técnicas de combate passaram a se converter em “caminhos marciais” com a difusão de certas doutrinas filosóficas e religiosas

(principalmente, o Budismo, o Taoísmo e o Confucionismo), as artes marciais orientais estavam intrinsecamente relacionadas ao militarismo. A necessidade da prática dessas artes era uma questão de sobrevivência. (REID; CROUCHER, 1983).

Havia uma disciplina muito rígida na prática das técnicas, disciplina esta que se estende até hoje no treinamento de muitas artes marciais. Qualquer golpe utilizado de maneira incorreta ou desleixada poderia significar a morte do outro indivíduo. A prática também requeria paciência e devoção, que alguns mestres modernos como Gichin Funakoshi sempre fazem questão de ressaltar em suas obras. (Ibid.).

Quando os praticantes destas artes passaram a ter contato com as doutrinas filosóficas oriundas, principalmente, da Índia e da China, cada vez mais um aspecto moral e espiritual passou a nortear a prática. (Ibid.). Eles passaram a se preocupar com questões como vida e morte e a refletir sobre o que significaria matar uma pessoa (GOULART, 2006).

Assim, os artistas marciais passaram a defender valores com o respeito e a humildade. Não viam a morte como algo assustador (como é o hábito da maioria dos ocidentais); pelo contrário, seria até honroso morrer defendendo seus valores e ideais (a doutrina budista contribuiu muito nesse sentido). (TURNBULL, 2005). Passaram a matar somente em último caso, quando todas as outras alternativas já houvessem sido tentadas. Antes, muitas vezes matavam simplesmente porque queriam se divertir. (Ibid.).

Os mestres passaram a se dedicar aos estudos intelectuais. Os principais artistas marciais da Era Moderna eram também grandes eruditos e filósofos. (STEVENS, 2006). Esta tradição do estudo ligado ao treinamento físico continua presente até hoje na maioria das artes marciais.

Estes mesmos mestres também se dedicavam aos trabalhos artísticos. A maioria era hábil na caligrafia (japonesa ou chinesa, dependendo da nacionalidade do artista), na

pintura e/ou na escultura. (Ibid.). Uma evidência desse fato são as xilogravuras presentes no Templo de Shaolin na China.

Houve também uma crescente preocupação com a questão do espírito. O Taoísmo ensinou a muitos mestres a importância da harmonização do espírito humano com a natureza. O Budismo pregava a elevação do espírito, a tentativa de se alcançar o “nirvana” (estado do ser em que tudo é visto como realmente é), e muitos praticantes passaram a treinar e meditar buscando alcançar esse estado espiritual. (REID; CROUCHER, 1983).

Durante toda a história das artes marciais no Oriente, a questão do segredo (já citada no capítulo anterior) foi de suma importância. Uma das principais causas de, atualmente, não se ter dados concretos sobre a origem dessas artes se deve à tentativa dos antigos mestres de somente transmitir os ensinamentos mais avançados aos discípulos mais hábeis e confiáveis.

“ Essa tradição do segredo torna excepcionalmente difícil a pesquisa sobre o desenvolvimento das artes marciais.(...) Mesmo o mestre que tomou a decisão de revelar sua arte costuma reter um ângulo central de ensinamentos avançados que só transmitirá àquele que designar como sucessor. Caso nenhum discípulo seja designado para sucedê-lo, a técnica morre, a menos que um dos seguidores seja capaz de redescobri-la ou reinventá-la. (REID; CROUCHER, 1983).

O presente trabalho não se propõe a esgotar esse assunto das tradições marciais no Oriente, que é amplo e não há grande diversidade de material escrito disponível. Porém, ele apresenta os conceitos e ensinamentos básicos para que o leitor compreenda o quão o Oriente é “rico” de tradições marciais, além da tradição do segredo, do estudo e da disciplina.

Capítulo 3 – A arte marcial karatê-do

Para melhor compreensão do karatê-do, o presente trabalho analisará inicialmente como se dá a questão da guerra no Japão. Posteriormente, serão analisadas a história e a filosofia do karatê. Por fim, é necessário estabelecer a diferença entre o karatê tradicional e o karatê esportivo, para que se entenda a questão da violência nesta arte marcial.

3.1- A guerra no Japão

Como vimos anteriormente, as artes marciais são as “artes da guerra”, “artes do combate”. Suas origens e tradições demonstram essa realidade. Porém, a concepção dos mestres japoneses do que significa a guerra difere em muitos aspectos da concepção ocidental.

No Ocidente, existe a concepção de que a guerra é a solução para muitos problemas. O interesse financeiro das indústrias bélicas supera a diplomacia e “cria” guerras quando um acordo pacífico resolveria os problemas. Recentemente, o governo norte-americano decidiu realizar uma guerra no Iraque, sob o pretexto de que este país do Oriente Médio estaria produzindo armas nucleares, para mover financeiramente as suas indústrias de armamentos e também para poder dominar os recursos minerais daquele país. Até hoje, soldados norte-americanos se encontram no Iraque, que foi destruído por esse conflito. Aqueles que ainda se preocupam com a questão da guerra não se mobilizam para protestar ou contestar as ações dos governos.

Os primeiros indícios de guerra no Japão datam dos séculos logo após o nascimento de Cristo. Os soldados lutavam a pé, munidos de arco, espadas e lanças, e por volta do ano 400 d.C. passou-se a utilizar os cavalos. Inicialmente, o método de guerra adotado pelas cortes japonesas correspondia ao modelo chinês, com o exército sendo recrutado em meio

ao campesinato. Como este modelo se mostrou inadequado, o governo (na época, o sistema político japonês consistia em um clã mais poderoso dominando os demais) passou a conceder comissões de guerra aos senhores locais. Seus guerreiros de elite foram os percussores dos samurais³. (TURNBULL, 2005).

No Japão medieval, não havia uma dimensão espiritual no treinamento marcial. Não havia uma espiritualidade ou um código de ética inerentes às técnicas dos primeiros samurais. A habilidade marcial era medida pelas manchas de sangue do oponente no próprio quimono. Nesta época, a inexistência de um governo central (o Japão ainda não havia sido unificado, estando dividido em feudos) fez com que a população de camponeses desenvolvesse técnicas de combate para defender seus territórios. (REID; CROUCHER, 1983).

Porém, aproximadamente a partir do século XV, esse panorama começou a mudar com a chegada de novas correntes religiosas e filosóficas e o desenvolvimento⁴ de antigas. As principais foram o zen-budismo (introduzido na China pelo monge indiano Bodhidharma, no ano 527 d.C.), o xintoísmo (religião ancestral japonesa), o taoísmo e o confucionismo⁵ (oriundos da China), com destaque para a primeira.

O xintoísmo é uma religião que prega a ascensão do ser humano ao nível dos deuses através de práticas de purificação físicas e espirituais e foi por muito tempo conveniente aos guerreiros do Japão. Porém, com o passar do tempo (principalmente a partir de meados do século XII), muitas guerras internas começaram a ocorrer sucessivamente e a classe dos

³ A palavra *samurai* significa literalmente “aquele que serve”. A princípio ela designava homens que acorriam à capital para cumprir deveres de guarda. Com o tempo passou a denotar um militar a serviço de qualquer senhor poderoso.

⁴ Alguns autores, como Torres, afirmam que o Budismo já havia chegado ao Japão no século VI, mas somente se desenvolveu no século XVI, quando o zen-budismo chegou ao arquipélago.

⁵ Sistema filosófico criado por Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.) que valorizava o estudo, a consciência política, o trabalho e a disciplina. Ainda hoje é praticado em diversos países.

guerreiros teve de lidar com o fato da morte.
(centrozen.free.fr/O_budismo_e_as_artes.php.)

Para o xintoísmo, a morte é um fato impuro, e o samurai tinha que se submeter a complicados ritos de purificação. Foi nesse contexto que o zen-budismo chegou ao Japão. Esta corrente filosófica tem como um de seus principais “pilares” a não-violência e não faz discriminação entre a vida e a morte. Ambos são apenas dois aspectos da nossa própria existência, “duas faces do mesmo papel”. Muitos guerreiros se deslocavam para os templos visando aprender técnicas de meditação que lhe proporcionassem uma tranqüilidade mental e espiritual. O samurai, por exemplo, deveria esvaziar sua mente e seu espírito, tornando-se uno consigo mesmo (seu corpo e mente) e com sua espada. O morrer é apenas o outro lado da mesma vida. (Ibid.)

Morrer após uma derrota não era vista como algo desonroso. Para os samurais, o ruim seria viver sem ter conseguido atingir o seu objetivo. Muitos cometiam o *haraquiri* ou *seppuku* depois de perderam uma batalha, pois esse tipo de morte era visto com “bons olhos”. (TURNBULL, 2005).

“ No mundo do guerreiro, o *seppuku* era um admirável ato de bravura por parte do samurai que se sabia derrotado, desgraçado ou mortalmente ferido. Significava que ele podia encerrar seus dias com as transgressões apagadas e com sua reputação não somente intacta, mas engrandecida.” (Ibid.).

Havia diversas maneiras de se cometer o *seppuku*, mas a mais usual consistia em o guerreiro abrir o seu ventre com uma adaga, pois acreditava que assim estaria libertando o seu espírito. Era uma maneira muito dolorosa de morrer, e muitas vezes o samurai pedia a um companheiro que lhe cortasse a cabeça no momento da agonia. (Ibid.). Vale ressaltar que essa idéia do suicídio como uma maneira honrosa de se morrer continua viva até hoje

no ideal de muitos cidadãos japoneses (devemos nos lembrar dos soldados *kamikaze* na Segunda Guerra Mundial).

Era comum também, antes de um duelo, cada guerreiro recitar os nomes de seus ancestrais. Este orgulho (presente até hoje na sociedade japonesa) tinha diversas facetas. A primeira diz respeito ao credo religioso japonês da época: os guerreiros acreditavam que os familiares falecidos podiam continuar desempenhando um papel no mundo dos vivos. Para os samurais, os ancestrais ilustres que haviam iniciado a linhagem continuavam a ter influência e relações com o presente. A segunda faceta se refere ao estatuto de elite que era conferido ao samurai quando este recitava o nome de seus familiares de outrora. (Ibid.).

Segundo o bushidô (código de ética não-escrito dos samurais, influenciado pelo racionalismo confuciano), o guerreiro deveria ter como objetivos atingir a máxima destreza nas técnicas, mostrar lealdade sem limites no seu serviço, e elevar o seu espírito à abnegação diante da morte.

Assim, muitos se perguntam: como pode o zen-budismo pregar o respeito máximo pela vida e o não matar se a razão de vida de um guerreiro era o matar? Com o desenvolvimento dessa corrente filosófica no Japão, os guerreiros passaram a matar somente em casos em que não havia outras soluções, ou em casos onde sua honra ou a de seu senhor estivesse em jogo. Antes, era comum haver samurais bêbados e fanfarrões, que matavam por motivos fúteis e infantis.(Ibid.).

Após a Restauração Meiji no ano de 1868, quando a classe dos samurais e o xogunato foram extintos⁶ e o Japão voltou a ser governado por um imperador, as artes marciais tal como as conhecemos atualmente foram organizadas, e grandes mestres também se

⁶ Ainda houve uma última rebelião por parte de samurais descontentes em 1877. A “Rebelião de Satsuma”, como ficou conhecida, foi a guerra final dos samurais.

dedicaram a refletir sobre essa questão da guerra. A 2ª Guerra Mundial, por exemplo, foi alvo de várias reflexões, como a de mestre Morihei Ueshiba:

“Nos velhos tempos, as artes marciais eram utilizadas para fins de destruição – para atacar os outros a fim de conseguir mais terras e mais posses. O Japão perdeu a guerra porque seguiu por um caminho errado e destrutivo. De agora em diante, as artes marciais deverão ser utilizadas para fins construtivos”. (UESHIBA, *apud*. STEVENS, 2001).

Mestre Ueshiba, fundador do Aikidô, também defendia que as artes marciais deveriam ser meios de combate entre o indivíduo e ele mesmo, a busca pela superação física e espiritual.

“A verdadeira arte da paz não é sacrificar nenhum de seus guerreiros para derrotar o inimigo. Elimine seus oponentes ao simplesmente manter-se a salvo e numa posição inacessível; assim, ninguém sofrerá nenhuma perda. O caminho do guerreiro, a arte da política, é conter o problema antes que ele comece. Consiste em derrotar seus adversários espiritualmente, fazendo-os perceber a estupidez de suas ações”. (Ibid.).

Atualmente, os discípulos desses grandes mestres são extremamente otimistas quanto à questão da guerra. Acreditam que, com o passar do tempo, o homem irá se conscientizar que há outros caminhos para a solução de divergências além da guerra. Entretanto, são extremamente críticos em relação ao sistema capitalista do mundo contemporâneo. Um religioso japonês de nome Onisaburo Deguchi afirma:

“Armamentos e guerra são os meios pelos quais os patrões e capitalistas obtêm seu lucro, enquanto os pobres sofrem. Não há nada no mundo mais devastador do que a guerra e mais ridículo do que os armamentos. A verdadeira luta não é contra adversários estrangeiros, mas contra aqueles que estão em nossa casa e que reprimem nossa liberdade, ameaçam nossos direitos humanos, esmagam a paz e destroem nossa cultura para garantir lucros”. (DEGUCHI, *apud* STEVENS, 2001).

3.2- História do karatê

Entre os estudiosos de artes marciais, não há certeza sobre a origem exata do karatê. Muito disso se deve ao fato de que, antigamente, essas artes eram ensinadas de professor para aluno de maneira reservada e sigilosa, e não havia uma grande preocupação em se escrever tudo o que era ensinado durante as aulas. A tradição era basicamente oral. Outro fato que pode ter contribuído para a falta de material escrito acerca do karatê foi um incêndio nos arquivos reais de Okinawa, berço desta arte, na metade do século XX. Esse fato criou um obstáculo às pesquisas de muitos grandes mestres de karatê. (REID; CROUCHER, 1983).

O que se tem certeza é que sua origem se deu na ilha de Okinawa, a maior dentre as ilhas da cadeia Ryukyu, no arquipélago japonês. “Okinawa” significa literalmente “uma corda lançada na água”, devido a sua aparência estreita e retorcida. Esta ilha se situa a leste da China e ao sul do Japão, e já foi palco de diversas guerras civis e tribais.

Até o século VI d.C., o povo nesta ilha vivia disperso, localizado principalmente ao longo do litoral, sustentado por uma agricultura de subsistência. A partir desse século até o século IX d.C., sucessivas invasões militares japonesas (até então Okinawa era um país independente) estimularam a população a se organizar em povoados, cada qual regido por um chefe. (Ibid.).

A ilha era o centro de inúmeras rotas comerciais, onde se passavam ricos e exóticos carregamentos originados de diversos povos do oriente. Isso transformou Okinawa em ponto de encontro de diversos povos, culturas e artes marciais asiáticas. Porém, suas relações comerciais mais fortes sempre foram mantidas com a China. Anualmente, delegações eram enviadas da ilha para o país vizinho para pagar tributos ao Imperador.

Membros da nobreza okinawana iam para a China e acabaram se acostumando com o modo de vida urbano e cortês chinês, muito diferente do modo de vida simples e rural de Okinawa. (TORRES, 2006).

Em 1429, Okinawa é unificada sob o comando da dinastia Sho. Uma série de conflitos e turbulências fez com que, em 1477, o rei Shoshin decretasse proibido o porte de armas e a prática de artes marciais. Isso fez com que o *tode* ou *te* (que significa “mão”), arte milenar de defesa pessoal praticada até então na ilha, passasse a ser praticada na clandestinidade. Por causa do comércio e de outras relações entre Okinawa e a dinastia Ming da China, é provável que ele tenha sido influenciado por técnicas chinesas de luta. O país não era unificado antes de 1429, de modo que o conhecimento da autodefesa era uma habilidade importante. Acredita-se que a proibição da prática do *te* e também de alguns outros estilos foi fundamental para o desenvolvimento do Karatê. (REID; CROUCHER, 1983).

Tanto a tradição da luta armada, desenvolvida no meio do povo, quanto a da luta desarmada, desenvolvida pelos nobres da corte real da cidade de Shuri, eram praticadas em segredo e permaneceu cada qual restrita a uma classe social. Muitos mestres de *te* dessa época viajavam à China para treinar. (TORRES, 2006).

Embora a arte fosse praticada em segredo, três estilos começaram a surgir nos três centros urbanos em torno do palácio real. Seus nomes foram dados de acordo com as cidades onde eram praticadas: Shuri-te (na cidade de Shuri), Naha-te (na cidade de Naha) e Tomari-te (na cidade de Tomari). Eram estilos muito parecidos entre si e havia poucas diferenças: a primeira era praticada pelos samurais da corte e se baseava em técnicas “duras” e de combate externo; a segunda teve grande influência dos estilos chineses vindos do Templo Shaolin e incorporou mais técnicas suaves dos taoístas, entre as quais certas

técnicas de respiração e de controle do *ki* (a “energia vital”); e a terceira, que assim como o Naha-te foi desenvolvida no meio do povo, fazia uma combinação do desenvolvimento interior com o desenvolvimento exterior. (TORRES, 2006).

O grande organizador do karatê é considerado por muitos estudiosos como o “pai do karatê moderno” foi Gichin Funakoshi. Funakoshi nasceu em 1868, mesmo ano em que era implantada a Restauração Meiji no Japão, pela qual a classe dos samurais foi extinta. O xogum (grande senhor feudal) foi destituído e o país voltou a adotar o sistema de monarquia, com um imperador no poder principal. Desde cedo, Funakoshi estudou clássicos da tradição confuciana com seus avós. Estes estudos continuaram até sua morte, em 1957⁷. (FUNAKOSHI, 2000).

Devido a sua debilitada condição de saúde, desde pequeno começou a treinar as técnicas do *te* com o mestre Yasutsune Azato (Anko Azato), o qual era muito rigoroso em seus treinamentos. O seu lema era “um kata em três anos”. Como a prática das artes marciais era proibida, os treinos eram realizados em segredo e durante a madrugada na casa de seu mestre, praticando os estilos Shuri-te e Tomari-te. São de mestre Azato ensinamentos como “Considerem as mãos e os pés de alguém que treinou karatê como espadas; eles podem cortar ou matar alguém com um toque”.(Ibid.).

Funakoshi também treinou com um amigo de Azato, o mestre Yasutsune Itosu, (ou Anku Itosu) conhecido por uma força física inigualável (Itosu era capaz de amassar o caule de um bambu com as suas mãos). Tamanha era sua capacidade que Funakoshi acreditava que esta não fosse somente resultado dos treinamentos.

“(…) acredito que a proverbial força com que Itosu Sensei pegava era mais um dom natural do que uma habilidade adquirida pelo treinamento. (...) O corpo de Itosu parecia forjado e temperado a ponto de

⁷ No túmulo de Gichin Funakoshi estão escritas as palavras *Karate Ni Senti Nshi*, ou seja, “No karatê não existe atitude ofensiva.”

parecer invulnerável. Era capaz de receber golpes de homens fortes e não manifestar nenhum sinal de dor nem ferimento.” (FUNAKOSHI, 1988).

Depois de trabalhar alguns anos como professor primário, em 1906 realizou uma grande demonstração pública em Okinawa (nesta época a prática do karatê já não era mais sigilosa). Militares da marinha, funcionários do Ministério da Educação e até o príncipe ficaram impressionados com suas apresentações. Em 1922, realizou uma grande demonstração em Tóquio, onde também estava presente o fundador do Judô, Jigoro Kano, o qual lhe apresentou nos lugares e para as pessoas certas e influentes. Nesta época, Funakoshi fundou seu primeiro dojô (salão de treinamento) e publicou seu primeiro livro, chamado “Ryukyu Kempo Karate”, o qual trata sobre os diversos propósitos da arte. (Ibid.).

Durante este período, Funakoshi propôs o nome Karatê-jutsu (“técnica das mãos vazias”) para se referir a esta arte marcial. Em 1935, um comitê interestilístico de mestres okinawanos, como Funakoshi (do estilo Shotokan), Chojun Myiagi (fundador do estilo Goju-ryu) e Chosin Chibana (fundador do estilo Shorin-ryu) reuniram-se em Okinawa para debater e escolher um nome único para sua arte. Houve uma aceitação geral pelo termo “Karatê-do”, que significa o “caminho das mãos vazias”. (TORRES, 2006). Não somente o nome da arte foi mudado, como também muitos termos foram traduzidos do chinês para o japonês por mestre Funakoshi, com o objetivo de que os adeptos os entendessem mais facilmente. (FUNAKOSHI, 2000).

Alguns autores discordam sobre quando haveria sido a “Idade do Ouro” do Karatê. Há os que afirmam que haveria sido o período anterior ao ano de 1609, ano em que Okinawa foi incorporada ao Japão. Outros afirmam que teria sido por volta de 1940, quando quase todas as universidades japonesas tinham seus clubes de karatê, e em 1945, no

fim da Segunda Guerra Mundial. durante o período da ocupação japonesa pelas tropas norte-americanas e das Forças Aliadas. (NAKAYAMA, 1977).

Após a guerra, peritos em judô, kendô⁸ e karatê visitavam as bases militares duas ou três vezes por semana com a finalidade de demonstrar suas respectivas artes. Os membros das forças armadas tinham grande interesse pelo karatê, uma arte que estavam vendo pela primeira vez em suas vidas. (NAKAYAMA, 1977).

Em 1952, o Comando Aéreo Estratégico das Forças Armadas dos Estados Unidos enviou um grupo de jovens oficiais e de oficiais subalternos ao Japão para estudar judô, aikidô⁹ e karatê. O dojô de mestre Funakoshi era um dos mais visitados. Por mais de uma dezena de anos, dois ou três grupos continuaram indo ao Japão todos os anos.

Mestre Funakoshi e outros grandes mestres de karatê eram constantemente entrevistados por repórteres americanos sobre a arte, a qual estava sendo considerada na América como um caminho para a longevidade. Em sua autobiografia, Funakoshi relata emocionado:

“... o karatê-do que, na minha infância, era uma atividade clandestina local de Okinawa, finalmente havia se transformado numa das artes marciais do Japão antes de criar asas e voar para a América.”
(FUNAKOSHI, 2000).

Além dos Estados Unidos, vários países também solicitaram que fossem enviados instrutores de karatê para que se pudesse treinar um maior número de instrutores. A arte, então, partiu do Japão e espalhou-se por todo o mundo, sendo respeitada por marcialistas (praticantes de artes marciais) de diversos estilos. (Ibid.).

⁸ O Kendô (o “Caminho da Espada”) é uma arte marcial japonesa desenvolvida a partir das técnicas de combate com espadas dos samurais do Japão feudal.

⁹ O Aikidô (o “Caminho da Paz e da Harmonia”) é uma arte marcial japonesa que visa ajustar o espírito do ser humano à dinâmica do Universo, ou seja, sua prática ensina a não contrariar os movimentos da natureza. Pode ser praticado por pessoas de todas as idades e ambos os sexos. É considerado por muitos estudiosos como a arte marcial mais filosófica.

O primeiro campeonato de Karatê do Japão foi realizado em outubro de 1957, ano da morte de Gichin Funakoshi. No mês seguinte, foi realizado outro campeonato diante de uma platéia de milhares de pessoas. Atualmente, os campeonatos são realizados em vários países. No topo de todos eles está o Campeonato Mundial de Karatê. (NAKAYAMA, 1977).

No Brasil, o karatê chegou em 1908 com a vinda de imigrantes japoneses, mas sua prática era restrita às colônias em São Paulo. A primeira academia só foi aberta em 1956, pelo professor Mitsusuke. A partir de então, outros mestres seguiram o seu exemplo e abriram academias em diversos pontos do país (no Rio de Janeiro, a primeira academia foi do professor Yasutaka Tanaka). Desde essa época o karatê vem crescendo no país, com o surgimento de diversas federações. (COSTA, 2006).

Mais recentemente, com a popularização do karatê, diversos institutos de pesquisa científica no mundo inteiro realizaram estudos acerca da eficiência das técnicas desta arte. Pesquisas realizadas no Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, mostraram que os golpes dos karatecas comunicam um violento impulso a uma área extremamente reduzida do corpo do oponente. Como o impacto sobre o alvo não dura mais que alguns milissegundos, a potência dissipada corresponde a cerca de dez vezes à dissipada em um secador de cabelos. (FERRARO; SOARES, 2003). Daí a importância de todos os praticantes seguirem o ensinamento de mestre Funakoshi: as técnicas do karatê somente devem ser usadas em último caso, quando a própria vida está em jogo.

3.3- Filosofia do karatê

À primeira vista, um observador leigo pode interpretar o karatê como um método de luta baseado na agressividade e na violência. Porém, ele é uma filosofia de vida, que tem como principal objetivo o desenvolvimento do corpo e da mente do praticante, possibilitando a este encontrar a sua essência, o seu “eu”. (TORRES, 2006).

Conforme foi explicado anteriormente, o karatê recebeu influências de diversas correntes filosóficas e religiosas, mas principalmente do Zen-budismo. Este agrega uma enorme variedade de técnicas físicas e espirituais que ajudam o praticante a evoluir dentro do karatê, através do entendimento entre a prática no dojô e na vida cotidiana. Nós não devemos nos apegar ao passado, ou a objetos fúteis, desnecessários à nossa vida (mas que muitas vezes são impostos pelo sistema capitalista). O que importa é o aqui e agora, o presente. (Ibid.).

Um dos princípios do mestre Gichin Funakoshi está relacionado à aplicação do Karatê em todos os aspectos da nossa vida diária. Isto seria a “beleza” da arte.

“ (...) o treinamento feito com uma atitude implacável e fatal, com o tempo irá beneficiar não somente o seu estudo do karatê, mas também muitos outros aspectos da sua vida. A vida em si muitas vezes se assemelha a uma competição com espadas reais. Com uma atitude tibia para com a vida – como supor que depois de cada fracasso você sempre terá uma segunda oportunidade – o que você espera realizar num curto período de cinquenta anos?” (FUNAKOSHI, 1988).

Dentro do contexto filosófico do karatê, o praticante desenvolve meios de controle do seu egocentrismo, sendo um indivíduo que preze a respeitabilidade com os demais seres humanos, contendo a sua agressividade física e emocional. A questão do *rei* (respeito) é de fundamental importância para esta arte marcial e foi alvo de reflexão de grandes mestres, entre eles mestre Funakoshi, o qual afirmava que “o karatê-do começa e termina com *rei*”.

“Os métodos de combate que não contam com o *rei* não são artes marciais, mas mera violência desprezível. A força física sem *rei* nada mais é que força bruta, e para os seres humanos não tem nenhum valor. (...) embora o comportamento de uma pessoa possa ser correto, sem sinceridade e respeito no coração ela não possui o verdadeiro *rei*.” (FUNAKOSHI, 2000).

Segundo alguns mestres, a harmonização com o universo também pode ser possibilitada pelo treinamento do Karatê. Com a prática deste, o homem torna-se mais próximo de si mesmo e de tudo o que o rodeia, respeitando sempre ao próximo e à natureza, pois todos absorvem a mesma energia vital (*ki*) que rege a tudo e a todos. Mestre Chojun Myagi (1888-1953), considerado o fundador do estilo Goju-ryu, afirmava:

“O céu, a terra e o karatê são uma coisa só. Assim como o sol se levanta e se põe, e como os oceanos entram em fluxo e refluxo, assim também a energia *ki* circula no corpo humano. Conheça o relacionamento entre o passar do dia e os pontos vitais do corpo”. (MYAGI, apud STEVENS, 2005).

Acredita-se que muitos praticantes não conseguem obter o rendimento máximo no treinamento do karatê porque levam para as aulas suas preocupações e ansiedades do seu dia-a-dia. De acordo com o Zen-budismo, o praticante deve treinar como se fosse pela última vez na vida, concentrando-se ao máximo, esquecendo o passado e não cogitando o futuro, vivendo o presente. (TORRES, 2006).

Ainda segundo o Zen, o praticante é capaz de alcançar diversos níveis de interiorização: o primeiro é o nível do “pensamento comum”, em que a atenção do indivíduo é dividida entre trabalho, educação, lazer, e outras atividades do dia-a-dia; depois, existe o nível da “concentração”, no qual o praticante já tem sua atenção focada em determinado objeto; a “fase de transição”, correspondente ao nível seguinte, corresponde ao ato reflexo, instantâneo e inconsciente; depois há o nível da “meditação”, que desenvolve a

calma interior; e, por último, a “iluminação”, estado criador do qual surgem todas as formas de arte. O guerreiro zen-budista visa alcançar este último nível. (Ibid.).

As quatro dificuldades a serem superadas por um praticante de karatê seriam: a surpresa (*kyo*), a indecisão (*waku*), a dúvida (*ghi*) e o medo (*kû*). Ante qualquer situação de dificuldade ou imprevisto, o verdadeiro lutador permanece sereno, com um espírito imutável no qual nada perturba a calma interior. (IEDWAB, 2001).

A questão do “vazio” também aparece em muitos aspectos do karatê, em uma clara evidência da influência do zen-budismo nesta arte marcial.. O próprio termo *karatê-do* significa o “Caminho das mãos vazias”, já que é uma arte marcial que não utiliza armas: as mãos e os pés são considerados como espadas. A verdadeira forma do universo, a forma perfeita, seria o “vazio”. Por isso, o indivíduo deve buscar o “esvaziamento” de sua mente de toda e qualquer preocupação fútil.

“Assim como um vale vazio pode ecoar o som da voz, do mesmo modo a pessoa que segue o Caminho do Karatê deve esvaziar-se literalmente de todo egoísmo e ambição. Tornar-se vazio interiormente, mas reto por fora. Este é o significado verdadeiro de “vazio” no karatê.(...) Quando a pessoa percebe a infinidade de formas e de elementos no universo, ela se volta para o vazio, para o vácuo. Em outras palavras, o vazio não é outra coisa senão a verdadeira forma do universo. Forma é igual a vazio; vazio é igual a forma.” (FUNAKOSHI, 1988).

O *budô* (palavra formada por dois caracteres que pode ser traduzida de diversas formas, entre elas o “Caminho para ações de coragem e iluminação”) é a base de praticamente todas as artes marciais. Como já foi citado anteriormente neste trabalho, já houve quem sugerisse a substituição do termo *artes marciais* pelo termo “*artes do budô*”. O budô é a via pela qual se pode pôr fim à luta, pela qual se podem encerrar os conflitos. (IEDWAB, 2001).

Mestre Funakoshi sempre lembrava seus alunos do princípio HITOTSU KEKKI NO YU O IMASHIMURU KOTO (um princípio do budô), ou “Reprimir o espírito agressivo”. Para o karateca, o controle emocional é de fundamental importância. A pessoa de caráter deve privar-se do comportamento violento, evitando se envolver em brigas de rua e outras agressões. O praticante deve estar sempre em paz consigo mesmo e somente usar seus conhecimentos em nome da justiça.

Outro importante princípio de mestre Funakoshi era que o “karatê permanece do lado da justiça”. Como as mãos e os pés são armas mortais, eles só devem ser utilizados em ocasiões em que não haja outra alternativa e depois de se analisar qual é o “lado certo”. (FUNAKOSHI, 2000).

Em contraposição com a onda crescente do chamado “karatê esportivo”, no qual os alunos praticamente treinam exclusivamente o *kumite* (combate), os principais mestres afirmavam que a essência do karatê se encontra na prática dos *katas* (seqüências de movimentos que simulam uma luta). O *kata* seria a alma da arte marcial, aquilo que sobra quando todo o resto já foi esquecido. É a herança dos antigos; o início e o fim. (TORRES, 2006). A prática do *kumite* só teria início depois da compreensão por parte do praticante dos significados dos movimentos dos braços e das mãos e dos elementos essenciais de ataque e defesa contidos nos *katas*. (FUNAKOSHI, 1988). Entretanto, estes mestres sempre lembraram que, num eventual combate, o guerreiro não deve se limitar aos movimentos do *kata*.

Os pontos a serem observados durante a prática dos *katas* são: a estabilidade das posições, o poder das técnicas, a precisão dos gestos, a determinação no olhar, o respeito às variações do ritmo, a naturalidade nos encadeamentos, o respeito ao eixo de deslocamento e a memorização perfeita de todas as seqüências técnicas. (TORRES, 2006).

O *kiai* é o grito de ataque utilizado no karatê. Este termo é uma palavra composta de dois caracteres: *ki* (a energia vital) e *ai* (união ou harmonia). O *kiai* tem duas finalidades: concentrar o máximo de energia no momento de ataque e atemorizar o adversário. Quando os artistas marciais soltam esse grito, unem sua energia à ação à qual vão se dedicar. (IEDWAB, 2001).

Para os antigos mestres, o verdadeiro significado dos movimentos do karatê só se revelam a quem o pratica constante e pacientemente.

“Sob a superfície dos exercícios do karatê-do, existe um nível mais profundo de compreensão, acessível apenas àqueles que chegaram a dominar as habilidades necessárias. (...) os mistérios mais profundos das artes marciais japonesas estão registrados em rolos de papel secretos que têm sido legados de geração a geração através dos séculos. As palavras e imagens não dizem nada à pessoa comum. Só depois de alguém ter se dedicado diligentemente à prática dessa arte é que os seus mistérios se revelam.” (FUNAKOSHI, 2000).

Portanto, após análise dos aspectos filosóficos do karatê citados acima, chegamos a conclusão de que a filosofia desta arte marcial é tão profunda que poucas páginas não são suficientes para esgotar o assunto. Somente vivenciando e praticando a arte é que se adquire uma maior compreensão dos seus princípios.

3.4- “Karatê-do tradicional” x “Karatê esportivo”

Atualmente, é muito difundida no “mundo das artes marciais” a prática destas voltadas para competições. O karatê não escapou dessa nova “onda”. (TORRES, 2006).

Segundo mestre Gichin Funakoshi, o karatê está sempre evoluindo. Não é possível falar, a um só tempo, do karatê de agora e daquele de uma década atrás. (FUNAKOSHI, 1988). Mas não se deve encarar essa “evolução” como algo positivo ou negativo, pois ao mesmo tempo em que descaracteriza o karatê enquanto arte marcial, transformando-o em

mais um esporte onde um praticante tenta se mostrar “melhor” e mais capaz do que o outro, contribui para uma maior popularização da arte. (GOULART, 2006).

Mestre Funakoshi sempre foi muito cauteloso quanto à difusão da prática do karatê dito esportivo. Quando ele se referia a evoluções, queria dizer que as formas das bases e posturas ou algumas técnicas poderiam mudar como decorrência natural da mudança dos tempos, mas a essência interior deveria continuar sendo a mesma.

“Ele está sempre mudando, mas só em sua forma exterior; sua natureza fundamental permanece imutável. Se o caminho (*do*) atrai uma pessoa para percorrê-lo, ele floresce; caso contrário, ele define. O Caminho do Karatê pode ser chamado com justiça de um *budô* que se manifesta de forma nova e que busca zelosamente pessoas que por ele sigam”.(FUNAKOSHI, 1988).

Entretanto, o que se vê atualmente são professores que simplesmente não transmitem a “essência” da arte aos seus alunos, seus principais ensinamentos. Eles simplesmente visam a “glória” em competições, sem se preocupar em ensinar aos praticantes valores fundamentais como o respeito, a humildade e a cortesia. (TORRES, 2006).

Estes “mestres” privilegiam a prática do *shiai kumite* (combate “saltitando”, utilizado em competições, mas ineficiente em uma luta real), enquanto os professores que seguem a linha tradicional de mestre Funakoshi ressaltam a importância dos *katas*. Somente quem consegue executar bem um *kata* é capaz de ser um bom guerreiro em combate.

“Depois de compreender os significados dos movimentos dos braços e das mãos e dos elementos essenciais de ataque e defesa contidos nos *kata* é que você pode começar a praticar *kumite*. (...) Na prática do *kumite*, você retoma as técnicas aprendidas nos *kata* e as aplica efetivamente”.(FUNAKOSHI, 1988).

Neste ponto reside uma contradição. Apesar de alguns mestres afirmarem que a prática exclusiva do *shiai kumite* pode contribuir para o aumento da agressividade, este tipo de luta não é muito eficiente.

O praticante não deve ter a ilusão de que a prática dos *katas* é suficiente para uma eventual situação em que o combate seja a única alternativa. Por isso, mestre Funakoshi defendia também a prática do *yu kumite* (combate sem saltitar, com movimentações cuidadosas, utilizado em situações de luta real). Entretanto, neles estão contidas as principais técnicas que possibilitam aos praticante ter um bom domínio do karatê. Diz-se que a verdadeira “essência” da arte está contida nos *katas*. (Ibid.).

Mestre Funakoshi também esteve profundamente receoso de que os praticantes, após treinarem por um curto período de tempo, acreditassem que já tinham suficiente domínio das técnicas. Isto se vê muito hoje em dia, com praticantes que se auto proclamam “mestres” sem possuírem o conhecimento suficiente. O verdadeiro karatê é uma arte marcial rica em detalhes, sendo a paciência um valor vital para o seu aprendizado.

“Tome cuidado para não ser como aqueles que não treinam suficientemente e, no entanto, se tornam “mestres” porque sua conversa se parece com a dos especialistas. (...) Projetar o punho em um soco pode parecer elementar – mesmo para uma criança. Todavia, realizar um golpe perfeito está longe de ser uma coisa fácil. São necessários muito esforço, persistência e engenhosidade ao longo de vários anos para aprender a golpear corretamente.” (Ibid.).

Diversos alunos de mestre Funakoshi relataram o seu receio em se incentivar a prática competitiva do karatê. Mestre Nakayama afirma que, toda vez em que consultava mestre Funakoshi sobre a possibilidade de realização de mais campeonatos, este o observava com desaprovação. (NAKAYAMA, 1977).

Mestre Nakayama é considerado um dos primeiros a enviar instrutores para fora do Japão e a incentivar o desenvolvimento do karatê como esporte como sinal do passar dos tempos, ao contrário do que mestre Funakoshi defendia. Entretanto, sempre reforçou que não defendia a prática exclusiva do karatê como um esporte.

“É lamentável que o karatê seja praticado apenas como uma técnica de luta. As técnicas básicas foram desenvolvidas e aperfeiçoadas através de longos anos de estudo e de prática; mas, para se fazer um uso eficaz dessas técnicas, é preciso reconhecer o aspecto espiritual dessa arte. (...) Treinar significa treinar o corpo e o espírito e, acima de tudo, a pessoa deve tratar o adversário com cortesia e a devida etiqueta.” (Ibid.).

Nakayama também sempre lembrou que a ênfase em competições não pode deixar de alterar as técnicas fundamentais, o que pode gerar na pessoa a incapacidade de produzir uma técnica poderosa e eficaz. Ele defendia a realização de competições com o intuito de verificar a habilidade dos praticantes, e não para instigar em seus alunos o desejo de vitória ou de exibição. (Ibid.).

Portanto, o karatê tradicional é aquele que segue a “linha” de mestre Funakoshi. Em outros termos, se diferencia do karatê “esportivo” por não privilegiar a prática do *kumite* (mais especificamente, da modalidade *shiai kumite*) em detrimento dos *katas* e não se voltar para a prática das competições, e sim defender a transmissão dos verdadeiros ensinamentos éticos e filosóficos presentes nesta arte marcial.

Capítulo 4- Violência e comportamento violento

Atualmente, os meios de comunicação costumam divulgar diariamente dezenas de fatos decorrentes da “violência”. O cidadão que liga a sua televisão para assistir ao telejornal ou compra o jornal para se informar, é “bombardeado” por notícias como “Mais uma morte decorrente da violência”, ou “A violência que não pára de crescer gera mais vítimas”. Mas são poucos os que decidem analisar este delicado assunto. (ODALIA, 1985).

Entre os autores, há diversas definições de “violência”. O presente trabalho adotará a definição do filósofo Régis de Moraes, segundo o qual “violência” é tudo aquilo que pode imprimir sofrimento ao corpo do homem, assim como degradar sua integridade psíquica. Em suas palavras, “violentar o homem é arrancá-lo da sua dignidade física e mental.” (MORAIS, 1985)

A problematização da violência é recente e pode ser feita sob diversas óticas. O presente trabalho, utilizando como referenciais os artigos “A simbolização da violência social”, de Antônio Custódio Gonçalves, e “Defesa Pessoal e Cidadania: uma agregação à luz dos direitos”, de Paulo Roberto de Albuquerque Costa, utilizará a perspectiva sociológica, citando também a filosofia e a psicologia para analisar esta questão, sempre levando em conta de que estas três áreas do conhecimento ainda não dispõem de métodos de estudo que permitam uma análise sistemática da violência, tema complexo que o presente trabalho não se propõe a esgotar.

Durante toda a história, o homem foi cercado por atos ditos “violentos”. Não existe período histórico em que não tenha havido atos considerados cruéis, vandalismo,

terrorismo, guerras e outras desordens. Segundo Gonçalves, esses atos constituem uma violência *fundamental*.

“(...) estas desordens não são crises excepcionais que ensombram o percurso harmonioso da história humana, mas os sintomas de uma desordem, de uma violência *fundamental*, como constitutiva da sociedade e no sentido em que as violências que aparecem no devir histórico são recorrentes”.(GONÇALVES, 1985).

Vale lembrar que esta violência não necessariamente envolve agressões físicas e psicológicas, pois existem vários tipos de “violências” (a violência política e a violência revolucionária, por exemplo), mas este trabalho pretende abordar somente as primeiras. (ODALIA, 1985).

De acordo com um sociólogo de nome René Girard, citado por Gonçalves em seu artigo, é também muito comum a “sacralização” da violência, ou seja, esta é vista como recurso único e inevitável, intocável e incontestável.

“É próprio da violência agir, fazendo-se desconhecer, submetendo os homens a uma espécie de cegueira e de ilusão; na expressão de Girard, ‘a violência domina o homem tanto mais implacavelmente quanto mais ele se julga capaz de a dominar’”.(GONÇALVES, 1985).

O cerne desta questão está no fato de que determinados atos podem ser considerados violentos ou não dependendo do contexto em que são analisados. Existe a “brutalidade”, marcada por determinados atos específicos. Estes podem se converter em violência em razão do contexto em que são produzidos. É de fundamental importância conhecer essa distinção entre brutalidade e violência, e ter sempre em mente que a supressão da primeira de nossa sociedade é impossível. (Ibid.).

Em sociedades ditas “tradicionais”, como as indígenas, muitas práticas que o homem que vive no meio urbano pode considerar violentas são tidas como normais ou necessárias.

Todas as manifestações dessas sociedades, onde se usam armas e se atinge a integridade física, ou se é constringido por força, não podem inicialmente ser consideradas como violência, mas sem dúvida são brutais. (Ibid.).

“Uma coisa é o plano simbólico, outra o dos fatos. Uma parte considerável da humanidade, que simboliza tão profundamente tais práticas e situações, não pode ser considerada masoquista por aqueles para quem tal atitude seria efetivamente masoquista”. (Ibid).

Quando todo o coletivo participa de tais atos (como a luta entre dois jovens guerreiros adolescentes), estes sem dúvida podem ser compreendidos como sofrimentos e provações, mas não como violência. Já se estas práticas forem realizadas em um contexto sem qualquer possibilidade de simbolização integrada na cultura, sem dúvida irão causar revoltas e indignação. (Ibid.).

Gonçalves também cita a prática de artes marciais, considerando que atualmente elas estão imbuídas de um alto valor estético, e não as considera como “violências”.

A desigualdade social também pode levar a um estado de “guerra social”. Quando um membro de determinada sociedade sente que não compreende ou não é compreendido pelo outro como membro de determinada classe ou sistema social, ele adquire um sentimento de “violência”. (Ibid.).

Para a sociologia, são cada vez mais difíceis os processos de simbolização que possibilitam a diferenciação entre os atos “brutais” e os “violentos”. Esta é uma possível explicação para o fato de hoje em dia o termo “violência” ser utilizado para praticamente todos os tipos de acontecimentos e relações. (Ibid.).

Opinião semelhante à de Gonçalves possui o filósofo Nilo Odalia. Para este, em muitas sociedades, matar e cometer agressões físicas deixa de se converter em um ato de violência para se converter em um ato normal. Ou seja, o ato violento se insinua freqüentemente como ato natural. A dificuldade de se compreender o caráter das ações violentas decorre de razões, tradições e leis (explícitas ou implícitas). (ODALIA, 1985).

De acordo com o também filósofo Régis de Moraes, um dos principais fatores que provocam o desenvolvimento de um sentimento agressivo nos cidadãos é o medo. Quando o indivíduo que vive nos centros urbanos se encontra frustrado e com medo de sua fragilidade frente à sociedade, ele agredirá para se defender. A virtude que o ser humano possui de ser muito adaptativo contribui para que ele considere determinados atos violentos como normais, ou seja, simplesmente brutais. (MORAIS, 1985).

Para a psicologia, o ego é a origem de todo defeito do ser humano, sendo a agressividade e a tendência à violência constitutivas do ser humano. Cabe à sociedade, através da cultura, da educação e dos mecanismos sociais da lei regular estes impulsos destrutivos. (COSTA, 2006).

A violência é considerada o uso da agressividade com fins destrutivos. Esta agressividade pode se manifestar pela humilhação, constrangimento ou destruição do outro, assim como pela ironia e pela omissão de ajudar. A máquina estatal estimula e legitima as diferentes modalidades de violência, a qual já invadiu praticamente todas as áreas de vida de relações do indivíduo. (Ibid.).

“Há um clima natural no qual se observa a deterioração de valores básicos e agregadores da coletividade, tais como a solidariedade, a justiça e a dignidade. Hoje se constata a banalização do mal, da tolerância com a crueldade, da impunidade, da descrença do mecanismo regulador da convivência social – o sistema de justiça – e o fracasso do Estado em garantir a segurança dos cidadãos (...)” (Ibid.).

No meio urbano, o cidadão é afrontado diariamente tanto pela violência física quanto pela falta de respeito e amor ao próximo. Este fato pode explicar a crescente procura por parte das pessoas pela prática de artes marciais ou de defesa pessoal. (Ibid.)

Como pode ser observado, todos os autores citados acima possuem posições semelhantes quanto a questão da violência. No presente trabalho, será abordado como comportamento violento todo aquele comportamento que indicar agressividade física e não-física (verbal e psicológica). Em nossa sociedade, a agressão ainda constitui uma violência, mas está ocorrendo o processo de simbolização, e muitas vezes a adoção desse tipo de comportamento está sendo tido como normal ou natural. Filmes exibidos no cinema que mostram cenas de tortura são aplaudidos pela crítica e pelo público, que começa a até achar engraçadas estas cenas. Conforme afirmou um escocês que começou a praticar kendô:

“A agressividade se baseia no medo. A pessoa agressiva é amedrontada em seu interior. (...) Em Glasgow, a agressividade no comportamento e nas palavras, e a participação numa briga ocasional, é um modo de vida. (...) antes de começar a treinar kendô, eu só tinha a agressividade, sem a capacidade de luta. É possível canalizar essa agressividade de maneira construtiva e benéfica, e por isso, me afastei da violência. Agora tenho a capacidade de luta, mas não quero mais usá-la.” (REID; CROUCHER, 1983).

Capítulo 5- Análise das pesquisas

Poucas pesquisas científicas já realizadas, mesmo com objetivos específicos diferentes, tentaram encontrar um paralelo entre a prática do karatê e a modificação (ou não) do comportamento violento. Algumas chegaram à conclusão que somente uma minoria irrelevante dos praticantes dessa arte comete atos que indicam um comportamento violento (agressividade física e verbal); outras chegaram à conclusão que os instrutores de karatê não ensinam a seus alunos os principais princípios da arte.

Em uma pesquisa intitulada “Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais: a expectativa dos iniciantes”, publicada no periódico *Motus Corporis* (destinada à área da Educação Física), em 1999, o autor José Antonio Vianna S’ilvana Rígido chegou à conclusão que apenas uma minoria dos jovens praticantes de artes marciais é responsável pelo fenômeno da violência que tem sido relatado pela mídia. Após estudar jovens adolescentes de classe média do Rio de Janeiro que praticam estas artes (com predominância de praticantes de karatê), o autor verificou que a maioria dos participantes no estudo não se enquadra nos pressupostos de relacionamentos sociais que levam a prática da violência.

Entretanto, a pesquisa acima não utilizou um “Grupo Controle”. A análise foi feita de maneira muito “aberta”, o que pode ter atrapalhado para a conclusão.

No painel “Perfil motivacional dos praticantes de arte marcial”, apresentado no I Congresso Latino-Americano de Educação Motora, realizado na UNICAMP em 1998, o autor S.R. Duino estudou praticantes de diversas artes marciais (com predominância absoluta de Karatecas) para analisar o perfil motivacional destes indivíduos. Foi verificado que a maioria dos sujeitos estudados não se enquadra no perfil que prediz um

comportamento mais agressivo e violento. Este fato parece indicar que, de forma geral, os praticantes de artes marciais (em especial de karatê) participantes do estudo foram orientados por seus instrutores por uma abordagem adequada à formação social positiva. Entretanto, o autor não observou se existe um histórico de violência no cotidiano dos sujeitos que se enquadram no perfil de comportamento violento. Ele também não observou as relações familiares dos sujeitos, nem suas relações com colegas de estudo ou trabalho. Talvez a observação destes e de outros aspectos pudessem contribuir para uma conclusão mais apurada.

Entretanto, em dissertação de mestrado apresentada à Universidade Gama Filho no ano de 1997, intitulada “O impacto dos valores humanos do instrutor sobre a conduta do atleta: o caso do karatê”, o autor José Antônio Vianna chegou a uma conclusão diferente dos demais. Tendo como objetivos analisar se a conduta dos instrutores interfere na inversão dos valores tradicionais no ensino do karatê e investigar as possíveis causas do fenômeno violência nesta arte marcial, o pesquisador realizou um experimento. Observou 33 adolescentes sem experiência anterior em karatê e os dividiu em três grupos aleatórios: dois desses grupos foram submetidos a quatro meses de treinamento com um instrutor comprometido com o ensino dos valores humanos tradicionais desta arte marcial; o terceiro grupo não recebeu qualquer iniciação no karatê. Após diversas análises, o autor não encontrou mudanças morais e comportamentos intra e inter-grupos. Ou seja, a prática do karatê não influenciou nenhuma mudança comportamental dos indivíduos.

No artigo intitulado “Japão: de suas origens à restauração Meiji”, publicado na revista “Klepsidra”, o aluno do 2º ano da graduação em História na USP, Danilo José Figueiredo, considera que na maioria das academias ocidentais toda a filosofia presente no ensino de karatê e judô foi esquecida ou deixada de lado. O autor considera que os praticantes destas

duas artes marciais ainda são respeitados em decorrência de alguns ensinamentos “sobreviventes”, ao contrário do que vem ocorrendo com o Jiu-jitsu (na modalidade luta-livre), cujos alunos não recebem nenhuma espécie de auxílio psicológico. Figueiredo atribui ao esquecimento dos ensinamentos básicos a responsabilidade pelo problema da violência praticada por alunos de artes marciais.

Em se tratando do karatê como método de defesa pessoal, as posições dos autores também são distintas. Para o tenente-coronel da Polícia Militar de Natal e teólogo, Paulo Albuquerque da Costa, o karatê é um método eficiente de defesa pessoal, no qual o treinamento eficaz de braços e pernas possibilita ao praticante se defender de qualquer inimigo, mas este somente deve usar as técnicas em último caso. Em suas palavras:

“É muito comum que os principiantes de artes marciais, notando seu rápido progresso, seja levado por onda de impetuosidade, sentindo a necessidade de pôr em prática os seus conhecimentos (...). Essa idéia distorcida deve ser sanada a tempo para que não venha a afastá-lo do real objetivo do karatê. (...) O verdadeiro valor do karatê não está em sobrepujar os outros pela força física. Nesta arte marcial não existe agressão na sua extensão, e sim nobreza de espírito, domínio da agressividade, modéstia e perseverança”. (COSTA, 2006).

Costa também observa com receio o fato de os ensinamentos do Budô não serem ensinados pela maioria dos professores de artes marciais, e a ênfase na prática de competições, negligenciando a prática das técnicas básicas.

Já um instrutor de karatê de nome Humberto Heyden considera esta arte como praticamente inútil frente às agressões físicas e, principalmente, às psicológicas a que somos submetidos diariamente. O autor considera que o ensino de karatê como é feito atualmente (se esquecendo da disciplina mental) deixa “portas abertas” para atitudes como a arrogância e a agressividade. Heyden conclui que o karatê falhou como método de autodesenvolvimento do indivíduo e como método de defesa pessoal.

Portanto, não há consenso entre os pesquisadores e estudiosos de artes marciais se o ensino do karatê tradicional atualmente contribui para uma modificação do comportamento violento dos praticantes. Enquanto uns afirmam que os alunos se tornam menos agressivos com o decorrer da prática, para outros não ocorre mudança comportamental alguma, ou ainda estes se tornam mais propensos a cometer atos violentos. Em análise mais detalhada, levando em conta a formação profissional de cada autor, pode-se situar alguns pontos:

1- Dos quatro profissionais da área de Educação Física (incluindo nessa contagem o instrutor Humberto Heyden), dois deles chegaram à conclusão de que a prática do karatê pode sim contribuir para a redução da agressividade e do comportamento violento, contribuindo para uma formação mais positiva. Somente uma minoria é responsável pela violência divulgada na mídia, e isto pode se dar por diversos motivos não verificados.

2 – Os outros dois profissionais possuem posições distintas. O primeiro, concluinte de mestrado, observou, a partir de experimentos com um certo número de indivíduos, que a prática do karatê não contribui para mudanças efetivas no que diz respeito ao comportamento violento. Aqueles que praticaram o karatê e também os não-praticantes não apresentaram diferenças comportamentais nesse sentido. Já Humberto Heyden, instrutor desta arte marcial, concluiu que a prática do karatê não contribui de forma alguma para a redução da agressividade; ao contrário, o indivíduo que pratica a arte não consegue confrontar e controlar seus medos, e se tornam mais arrogantes e agressivos. O karatê, portanto, não é capaz de oferecer aos praticantes harmonia e segurança para estes viverem suas vidas, mas contribui para que estas desenvolvam um sentimento competitivo e agressivo.

3 – O graduando em História Danilo Figueiredo e o tenente-coronel e teólogo Paulo Costa possuem posições semelhantes. Ambos concordam que a filosofia do karatê é de

fundamental importância para o desenvolvimento do caráter dos praticantes, mas não tem sido ensinada pela maioria dos instrutores. Não foi verificado se estes não ensinam deliberadamente ou simplesmente se esquecem. Esta ausência dos ensinamentos básicos e a demasiada ênfase em competições podem contribuir para o desenvolvimento de sentimentos que não são desejáveis (como a prepotência e a agressividade). Porém, ambos os autores concordam que o karatê é uma arte marcial que deve ser respeitada por todos, e, na maioria das vezes, contribui para a redução do comportamento violento.

Assim, a maioria dos pesquisadores concluiu que o karatê pode contribuir para o desenvolvimento de valores importantes para o ser humano (a humildade e o respeito, dentre outros). Porém, existem aqueles professores que preparam os seus alunos para as competições e, embora estas possam ter sua importância esportiva, podem contribuir para o desenvolvimento de um sentimento competitivo. Os autores ressaltam a importância do ensino da filosofia que permeia o karatê. Como afirma Costa (2006):

“(...) os grandes Mestres das artes marciais do passado nos deixaram a doutrina do Budô. Ensinamentos dentro do respeito ao próximo, da disciplina marcial, da ética e da moral. Filosofias doutrinárias para o equilíbrio e controle das ações humanas, não só para os movimentos mecânicos das técnicas de defesa pessoal, mas para a vida em sociedade. (...) essa doutrina é básica para o controle da violência humana.”

Conclusão

Após análise dos principais ensinamentos do karatê, do tema “violência” e das pesquisas realizadas sobre o tema, pode-se concluir que esta arte marcial, em teoria, pode contribuir para a redução do comportamento violento. A maioria dos pesquisadores encontrados pelo autor desta monografia chegou a essa conclusão.

Porém, em grande parcela das academias, os principais ensinamentos não são transmitidos pelos professores, que se limitam a ensinar técnicas e movimentos. Muitos dão demasiada ênfase á prática de competições (tão em moda na atualidade), e não ensinam valores como a humildade, a persistência e o respeito.

O respeito pelos outros seres humanos e por tudo que nos rodeia sempre foi de fundamental importância para os grandes mestres das artes marciais. No karatê, não foi diferente. Mestre Funakoshi sempre reiterou o princípio “o karatê começa e termina com *rei*”. Entretanto, parece que o ensinamento deste princípio ficou restrito ao Japão. São poucos os instrutores ocidentais que ainda o valorizam e o transmitem a seus alunos.

É muito comum no Ocidente um iniciante se tornar rapidamente faixa-preta, muitas vezes “pulando” algumas graduações. Este fato pode explicar o despreparo de alguns professores, tanto do ponto de vista intelectual (muitos não conhecem nem quem foi Gichin Funakoshi), quanto do ponto de vista técnico. A realização de várias competições também pode explicar o “empobrecimento” no ensino do karatê.

Por outro lado, nem todo professor que valoriza as competições em suas aulas acaba provocando um desenvolvimento da agressividade em seus alunos. Há aqueles que ensinam o quão é importante não machucar e nem ferir o próximo. Mas a tendência de que os praticantes adquiram um comportamento violento é maior.

Ainda existem aqueles *sensei*¹⁰ que dão importância aos princípios formulados pelos antigos mestres, e não se limitam a ensinar socos, chutes e projeções. Seus alunos conseguem aprender a importância de se conter o comportamento violento e a agressividade, tentando resolver as desavenças com diplomacia. Entretanto, estes professores são cada vez mais raros, já que a sociedade valoriza muito mais aqueles que conseguem realizar acrobacias e malabarismos do que aqueles que transmitem algo de real importância para a construção do caráter.

¹⁰ *Sensei* pode ter diversas traduções, entre elas “aquele que veio antes” ou “aquele que nasceu primeiro”. É utilizada para designar mestres de artes marciais japonesas.

Referências Bibliográficas

- BARBEIRO, Heródoto. *Buda: o mito e a realidade*. São Paulo: Madras, 2006.
- COSTA, Paulo Roberto de Albuquerque. *Defesa pessoal e cidadania: uma agregação à luz dos direitos*. Natal: Polícia militar-Diretoria de Ensino, 2006.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
- FERRARO, Nicolau Gilberto; SOARES, Paulo Antônio de Toledo. *Aulas de Física I: Mecânica*. São Paulo: Atual, 2003.
- FUNAKOSHI, Gichin. *Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- FUNAKOSHI, Gichin. *Karatê-do: o meu modo de vida*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- FUNAKOSHI, Gichin. *Karatê-do Nyumon: texto introdutório do mestre*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- GONÇALVES, Antônio Custódio. *A simbolização da violência social*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1986.
- GOULART, Fábio. *Taekwondo: o caminho dos pés e das mãos*. São Paulo: On-line, 2006.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira □ 2003.
- IEDWAB, Claudio. *Um caminho de paz: um guia das tradições das artes marciais para os jovens*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MORAIS, Régis de. *O que é violência urbana?* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- NAKAYAMA, Masatoshi. *O Melhor do Karatê-Volume 1*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ODALIA, Nilo. *O que é violência?*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- REID, Howard; CREICH, Michael. *O Caminho do Guerreiro: o paradoxo das artes marciais*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- STEVENS, John. *Segredos do Budô*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- STEVENS, John. *A Filosofia do Aikidô*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- TORRES, José Augusto Maciel. *Karatê: a arte das mãos vazias*. São Paulo: On-line, 2006.

- TURNBULL, Stephens. *Samurai: o lendário mundo dos guerreiros*. São Paulo: M.Books, 2005.

- TZU, Sun. *A arte da Guerra*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

■ Sites fontes das pesquisas e artigos

- <http://www.klepsidra.net/klepsidra4/japao.html>. Acessado em 18/10/07, às 12:30.
- http://www.cao.pt/surya/hh_17_1.htm. Acessado em 02/11/07, às 10:00.
- http://www.ugf.br/editora/revistas/motus/motus_art7.html. Acessado em 02/11/07, às 12:45.
- <http://www.pm.rn.gov.br/9bpm/legislacao/Apostila%20Defessa%20Pessoal.doc>. Acessado em 04/11/07. às 10:00.
- <http://libdigi.unicamp.br/document/list.php?tid=7>. Acessado em 30/10/07, às 13:00.

■ Sites consultados

- <http://paginasesotericas.tripod.com/esoterismo.htm>. Acessado em 08/10/07, às 10:00.
- http://centrozen.free.fr/O_budismo_e_as_artes.php. Acessado em 30/10/07, às 10:15.
- <http://paginas.terra.com.br/arte/yuka/maiscultura.htm>. Acessado em 30/10/07, às 11:00.

■ Sites fontes das imagens

- <http://www.karateokinawa.hpg.ig.com.br/Grandes%20Mestres/funakoshi.jpg>
- <http://www.all-karate.com/112/okinawa>
- <http://www.shotokankarate.ca/Funakoshi%20memorial.jpg>

Todos acessados às 13:00 do dia 15/11/2007.

AnexosAnexo 1

Mestre Gichin Funakoshi

Anexo 2

Localização da ilha de Okinawa

Anexo 3

Túmulo do mestre Gichin Funakoshi, onde está escrito: “No karatê, não existe atitude ofensiva.”.

